Destinados à guerra?

Não nos enganemos: o sucesso da cimeira não mudará nada na natureza das relações entre os Estados Unidos e a China.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 29 de Outubro de 2025

Amanhã Donald Trump e Xi Jinping vão encontrar-se, na Coreia do Sul, à margem da Cimeira da APEC (Fórum de Cooperação Económica Ásia-Pacífico). A expectativa é alta e não é caso para menos. É o primeiro encontro entre os dois presidentes desde 2019 e num momento em que a guerra económica e a tensão política estão ao rubro entre as duas maiores potências mundiais. O segundo mandato de Trump começou com a guerra das tarifas. Com a imposição, em Fevereiro, de 10% sobre as importações chinesas, que, em Abril, atingia já os 145%. A China retaliou com 125%. Em Maio, uma trégua fez cair a tarifa americana para os 30% e a chinesa para os 10%. A trégua deveria durar 90 dias, mas foi sendo prorrogada. Expira dia 10 de Novembro e, se não houver acordo, tudo regressa ao princípio.

Mas, a escalada não parou e, para agravar a tensão, a China, que até aqui tinha seguido uma estratégia defensiva, passou à ofensiva e, já neste mês, apertou o controlo à exportação de materiais estratégicos, em particular, das terras raras, essenciais para a economia americana. Trump considerou isso um ataque directo ao interesse dos Estados Unidos e ameaçou com uma tarifa de 100% sobre todos os produtos chineses.

Não admira, pois, que a Cimeira Xi-Trump e um possível acordo entre ambos se revistam do maior significado: económico e político.

Económico, em primeiro lugar, porque só um acordo pode retardar ou reduzir as tarifas, aligeirar os controlos sobre os materiais estratégicos e reabrir os canais do comércio internacional. E só isso poderá impedir a escalada da guerra comercial e o *decoupling* das duas maiores economias do mundo, com todas as suas consequências sobre as cadeias de abastecimento global. Um acordo seria, por isso, bom para todos: para a economia americana, para a economia chinesa e para a economia mundial.

Político, em segundo lugar, porque, apesar de a agenda estar centrada nas matérias económicas e tecnológicas, as questões geopolíticas, mesmo que não constem da declaração final, não serão, certamente, ignoradas. A começar pela guerra na Ucrânia. Sem nunca o assumir, a China de Xi tem sido, desde o início da invasão da Ucrânia, em 2022, um apoio fundamental da Rússia de Putin. É certo que evitou fornecer equipamento militar final e respeitou o tecto do preço do petróleo fixado por Biden, mas não é menos certo que foi o grande fornecedor de componentes para os bens industriais finais, incluindo armamento usado na guerra

da Ucrânia. E, mais do que isso, a China nunca deixou de comparar o petróleo e o gás russo, o que evitou o declínio do PIB da Rússia e alimentou o esforço de guerra de Moscovo.

No seu afã em busca do Prémio Nobel da Paz, Trump bem podia, agora, levar Xi a reduzir as importações de petróleo e gás russo e a impor limites à exportação de componentes industriais para a Rússia. E, com isso, pressionar Putin a aceitar um cessar-fogo e abrir negociações de paz. Não sabemos se Trump o fará e, se o fizer, se terá sucesso. Mas se o fizesse e Xi Jinping recusasse, então, Trump teria maior legitimidade para usar a sua tradicional diplomacia coerciva de tarifas e sanções.

Taiwan – o secretário de Estado americano já o disse – está fora da agenda. É demasiado divisivo e poderia comprometer o sucesso da cimeira. Ora, o sucesso da cimeira é do interesse de todos e o simples facto de se realizar é já um sucesso. Era bom que se concretizasse. Significaria que as duas potências em competição pela hegemonia global são, ainda, capazes de um diálogo estratégico.

Mas não nos enganemos: o sucesso da cimeira não mudará nada na natureza das relações entre os Estados Unidos e a China. O acordo continuará a ser uma negociação transaccional, e não o princípio de uma cooperação institucionalizada. Poderá aliviar, e é bom que alivie, a tensão económica de curto prazo, mas não resolverá a rivalidade política de longo prazo. Porque, verdadeiramente, é disso que se trata: de uma rivalidade hegemónica pela liderança global. De uma guerra entre a potência dominante e a potência emergente. No fundo, o que está em causa é a transição da estrutura do poder mundial para o século XXI. Graham Allison, no seu célebre livro *A Armadilha de Tucídides,* diz que estão destinados à guerra. Nós esperamos que não.

https://www.publico.pt/2025/10/29/opiniao/opiniao/destinados-guerra-2152468